

DANÇAS MALICIOSAS: CONSTRUINDO A FEMINILIDADE NA INFÂNCIA

Luciana Gomes Alves

RESUMO

O presente trabalho aborda a influência das danças que contém um caráter malicioso na cultura corporal do movimento. Utilizou como objeto de análise as danças que acompanham o estilo de música denominado Axé Music e procurou identificar suas influências na construção simbólica dos gêneros. Finalmente destacamos a importância de um ensino de qualidade que aborde a dança de forma criativa e original, voltada para o universo de crianças e jovens. Propomos deste modo, trabalhar os conteúdos referentes à dança de forma crítica, crendo que este ensinar com criticidade possa ser um possível contra-ponto ao forte apelo imposto pela indústria cultural.

Palavras-chave: Dança. Feminilidade. Mídia.

ABSTRACT

The present paper comprehends the influence of the dances that contains a malicious character in the culture of body movement. Used as the object of analysis the dances that accompany the music style called Axé Music and sought to identify their influence in the symbolic construction of genres. Finally we highlight the importance of a quality education that comprehends the dance so creative and original form, facing the universe of children and young. The study propose work content for the dance so critical, believing that this teaching with criticality can be a possible counter-point to the strong appeal imposed by the culture industry.

Key words: Dance. Fertility. Media.

RESUMEN

El presente trabajo comprende la influencia de las danzas que contiene un carácter malintencionado en la cultura del movimiento corporal. Utilizado como objeto de análisis las danzas que acompañan el estilo de música de baile llamado Axé Music y trataron de determinar su influencia en la construcción simbólica de los géneros. Finalmente destaca la importancia de una educación de calidad que se refiere a la danza de manera creativa y original, se enfrenta el mundo de los niños e los jóvenes. El estudio propone trabajar sobre el contenido de la danza forma crítica, en la creencia de que la enseñanza con la criticidad puede ser un posible contra-punto fuerte llamamiento a la impuesta por la industria cultural.

Palabras clave: Danza. Femenidad. Medios de Comunicación.

INTRODUÇÃO

Embora exista preconceito em relação à dança, ainda a encontramos presente em inúmeras situações que vão desde festas infantis até o carnaval, aparecendo constantemente nos meios de comunicação.

Algumas coreografias são bem elaboradas por profissionais que apresentam um comprometimento com a arte, buscando um trabalho de qualidade por meio da dança. No entanto, podemos observar, veiculadas na mídia, uma expressiva quantidade de danças que são produzidas com a finalidade de servir como produto do mercado e carregam consigo concepções negativas sobre questões de gênero, etnia, sexualidade, etc. Estas danças geralmente são elaboradas para acompanhar grupos musicais, com o único propósito de ajudar a vender este produto (música).

“Me bate me arranha me chama de piranha”. Esta frase foi fonte inspiradora para este estudo, pois ao observar as crianças, com seis anos de idade, que entoavam em coro no pátio da escola, comecei a lembrar de outras letras de músicas do mesmo nível e refletir como elas, que são geralmente acompanhadas de danças com caráter malicioso¹, podem influenciar na educação das crianças e jovens.

Sendo a maioria das músicas e danças relacionadas à mulher, pretende-se com este estudo compreender como as danças de caráter malicioso, podem influenciar na educação das crianças e jovens no que se refere à construção da feminilidade.

No desenvolvimento do trabalho busca-se compreender como a escola poderia por meio da dança, de forma crítica, desconstruir estes conceitos e movimentos corporais que as danças com caráter malicioso trazem consigo. Não eximindo da responsabilidade da família, com relação à educação das crianças, podemos pensar numa escola que possibilite o acesso ao conhecimento sobre a dança, mostrando alternativas diferenciadas das que vemos em considerável quantidade na mídia.

Percebe-se que este tema é polemizado tanto nas pesquisas em dança quanto nas realizadas na área da música, havendo um esforço para denunciar este problema e buscar alternativas que possam contribuir na formação cultural das crianças e jovens.

Para este estudo utilizamos textos na área de música que discutem as problemáticas advindas das músicas com caráter malicioso. Foram utilizadas as teorias de autores que discutem a educação e gênero como, Susan Bordo e Dagmar Meyer, sendo que para discussão entre dança e mídia, dança e gênero, contamos com a colaboração das autoras Maria do Carmo Saraiva e Andrea Lomardo, entre outros .

O BRASIL É UM PAÍS DANÇANTE!

No Brasil existem diversos estilos de música contendo um caráter malicioso e também pornográfico onde as letras discorrem sobre o corpo da mulher ou sobre o ato sexual, por meio de linguagem metafórica ou não. Neste texto será utilizado o axé music como referência para discussão do problema, pois é um estilo que está sendo muito difundido na mídia brasileira e possui diversos grupos com esta característica aqui abordada.

¹ Danças com caráter malicioso: este termo foi utilizado para caracterizar as danças que acompanham as músicas com letras maliciosas ou com caráter pornográfico. Também as danças que possuem uma alusão ao ato sexual ou enfatizam o corpo feminino como objeto de consumo.

Segundo Moura (2001 apud Leme, 2001, p.49), a “Axé-music” pode ser interpretada como “um repertório misturado para ser consumido no carnaval e shows pelo Brasil e depois para ser exportado (USA e Europa)”.

Para Nascimento, o pagode baiano teve ascensão na década de 90, onde a produção musical deu margem para experimentações, criando um ambiente para novas tendências musicais, sendo que “nesse contexto de trânsitos culturais e modismos musicais que o pagode baiano se desenvolve, amparado no guarda-chuva da música baiana sob o rótulo de *axé music*” (idem, 2008, p.1).

Grupos de axé combinam coreografias animadas e que se tornam à moda do verão baiano, culminando e se disseminando no Carnaval; surgem “letras singelas com temática picante ou lúdica explicitamente sexual ou de duplo sentido, apelando para trocadilhos; e influências rítmicas que vão do maxixe ao samba de roda.” (PEREIRA DE SÁ, 2004, p.7)

A guinada musical baiana se deu “a partir da incorporação de elementos da cultura popular com o aparato mercadológico e tecnológico da indústria musical massiva, compondo um produto compatível com a demanda do mercado e do contexto sócio-cultural” (NASCIMENTO, 2008, p.1).

Para autora Mônica Leme (2001) o axé pode ter origem no lundu, que no século XVIII era uma forma de manifestação cultural de origem africana manifestada por dança acompanhada por batuques e canto coletivo, sendo na época considerada “licenciosa, vulgar e obscena”. O lundu foi um dos primeiros gêneros de música gravados no Brasil assim que iniciou a indústria de discos e posteriormente foi se transformando, servindo como base para o maxixe no século XX, continuando a fazer parte até hoje de gêneros musicais. Segundo a autora o grupo “É o Tchan”, que alcançou sucesso nacional, guardando suas especificidades e o momento sócio cultural, sofreu influência do pode ser sucessor dessa linguagem” (LEME, 2001, p.47).

Para Rangel (apud Leme, 2001, p.50) “o “Tchan” “tem o pé” no samba-de-roda tradicional do Recôncavo (cujas cidades de Cachoeira, Santo Amaro, São Félix são representantes), por conta da origem dos criadores. É herdeiro dos antigos “lundus baianos” cantados pelas avós e tem influência do candomblé”.

O grupo Gera Samba, rebatizado por “É o Tchan” alcançou grande destaque ao lançar no mercado músicas com letras picantes acompanhadas de coreografias sensuais que ficaram conhecidas nacionalmente, sendo dançadas por adultos e crianças.

Com um misto de música e dança, representado por duas dançarinas que se apresentavam com roupas e danças sensuais e maliciosas, o grupo teve sucesso meteórico no mercado da música nacional e internacional, angariando fãs de todas as idades. Após o sucesso do grupo diversas bandas realizam até hoje trabalhos com o mesmo enfoque.

Existem várias bandas e cantores baianos como, Daniela Mercury, Banda Eva, Ivete Sangalo, Chiclete com Banana, Araketu, Cheiro de Amor, que têm grande destaque na mídia, todavia o grupo “É o Tchan” pode ser considerado o pioneiro neste estilo de música sensual, acompanhado por danças com apelo erótico. Leme (2001, p.49) relaciona a música do grupo com a cultura da região afirmando que;

No caso específico da música criada pelo “É o Tchan” estão presentes matrizes culturais do “realismo grotesco”, da “cultura do circo”, o mito da sensualidade da “mestiça nacional”, do gênero lundu na sua forma popular, revelada por sua ligação com o samba-de-roda. Sua música, portanto, evoca e organiza a memória coletiva (matrizes culturais) e as experiências de lugar (territorialidade e lugar social).

De alguma forma esta cultura regional foi se acoplando às exigências mercadológicas e de gosto popular, se difundindo nacional e internacionalmente, tornando-se hoje de enorme dimensão na mídia brasileira, presente de maneira marcante e para permanecer.

DANÇAS, MÍDIA E FEMINILIDADE

A dança sempre marcou forte presença nos meios de comunicação aparecendo principalmente em filmes, clipes, novelas e programas de televisão. Na história do cinema encontramos a dança presente em filmes de várias épocas e estilos, sendo que com o surgimento dos vídeos clipes foi ainda mais difundida. De certa forma a mídia tem contribuído muito para a divulgação da dança e em determinados momentos até como incentivadora, levando pessoas a buscar conhecimento nesta área porque a assistiram na TV ou cinema.

Conforme Nomardo (2005, p.31), um dos fatores positivos relacionados à dança que é vinculada na televisão é o fato de ampliar o número de pessoas dançando e que se expõem corporalmente.

Contudo, muitas danças são produtos da indústria cultural² criadas para atender as necessidades mercadológicas objetivando o consumo e não apresentando comprometimento artístico ou educacional estando mais direcionadas para a lucratividade. Adorno (1985, p.114). ao se referir ao cinema e o rádio, assinala que os mesmos não necessitam se apresentar como arte, se configurando tal qual um negócio, a empregam “[...] como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositadamente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos”.

Na maioria das danças elaboradas para atender a indústria cultural não há preocupação em produzir um trabalho de qualidade, sendo evidente um entendimento equivocado ao que se refere às questões de gênero.

Portanto encontramos fortemente infiltradas na mídia, danças com caráter malicioso, que com propósito mercadológico, acabam denegrindo a imagem feminina. Estas danças fazem parte do universo brasileiro, e com grande apelo sexual, acompanhadas por músicas eróticas, vão fazendo parte do cotidiano alcançando abrangência nacional.

Nascimento (2008, p.4) alerta para o fato das músicas, que as danças acompanham, conterem qualificações que remetem as “[...] representações do corpo erotizado como objeto de desejo masculino e produto de consumo.” Afirma ainda que “[...] de forma significativa as composições de pagode compreendem territórios de alusões ao corpo da mulher e constata-se, implicitamente, a violência simbólica” (Idem, p.5).

Neste sentido a dança e a música passam a ser secundárias em relação ao corpo feminino que se transforma na atração principal, sendo que a mulher neste

² O conceito de indústria cultural foi criado pelos frankfurtianos Theodor Adorno e Max Horkheimer se referindo aos meios de comunicação, como cinema, rádio e televisão, que realizam a produção em série visando somente o lucro e a edificação da mercantilização da cultura. Para os autores a indústria cultural tem o poder de exercer a manipulação e controle social, promovendo uma massificação e embotando o sentido crítico sobre as obras de arte e cultura.

momento, fica reduzida exclusivamente a condição de produto de consumo. Ao se referir à mulher como produto de consumo exclui-se a sua condição de pessoa que pensa, trabalha, tem senso crítico e participa da sociedade .

No seu estudo sobre as músicas com caráter malicioso, Nascimento (2008, p 5).expõe o papel da dança na construção do corpo feminino pois segundo ele, “uma das características do pagode baiano é exatamente o movimento, a coreografia e a performance do corpo atrelado às letras das músicas que jogam com estereótipos de gênero,imagens, atitudes e comportamentos reconhecíveis na e pela sociedade”

As letras das músicas e os movimentos das danças levam a mulher a uma posição inferior afirmando as relações de poder exercidas pelo homem ao sexo oposto. As relações de poder que estão explícitas na dominação do corpo da mulher podem possuir uma dimensão maior e mais ampla com relação às desigualdades entre os gêneros existentes na sociedade.

As músicas e danças produzidas para fins comerciais influenciam no repertório das pessoas que a assistem, conforme Saraiva et al (2007, p.113) “[...] os conceitos e percepções em relação à dança passam por re-significações de acordo com “tendências” midiáticas e do mercado”. Também aponta para o fato das danças sofrerem um processo de erotização apresentando uma tendência ao consumo das mesmas com conteúdo erótico e sexual .

A tendência a erotização está relacionada ao consumo, pois ajuda a vender o produto sendo que as pessoas, muitas vezes estão replicando letras de músicas e danças sem perceberem a profundidade e a intenção que o conteúdo delas revela.

No Brasil temos muitas músicas e danças de grandíssima qualidade, como samba, rock,axé e bossa nova, mas infelizmente essas linguagens artísticas valiosas são deturpadas e mal utilizadas em detrimento da lucratividade de poucos, sendo que ainda oferecem uma forma de resistência a todas as conquistas que as mulheres obtiveram até o momento.

DANÇAS DA MÍDIA E FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Ao assistir as coreografias que vinculam na televisão a criança dança repetindo os movimentos obscenos que os bailarinos realizam, podendo ocasionar mudanças no seu comportamento. Segundo Gomes (2005, p.81),

As mudanças no comportamento dos pequenos durante seu desenvolvimento – as descobertas, os interesses e as brincadeiras – são apropriações dos sentidos que circulam na sociedade, e entre os diversos elementos que permeiam o mundo da criança há a presença dos meios de comunicação de massa.

A criança mimetiza³ os movimentos que assiste nos programas de tv, incluindo os movimentos das danças no seu repertório. Para Benjamin (1985) o homem tem habilidade de produzir semelhanças e considera que não existe nenhuma das funções superiores que não sejam co-determinadas pela faculdade mimética.

³ Segundo Walter Benjamin (1985) a mimese não é cópia mas forma de igualação, aparece tanto no sentido ontogenético como filogenético. O corpo é um órgão mimético por excelência, pois toda atividade humana contém expressão mimética como a dança, os esportes, os rituais religiosos, etc.

Segundo Benjamin, o ser humano percebe muitas semelhanças nos acontecimentos que ocorrem no seu cotidiano, mas além disso, existem muitas semelhanças das quais não temos consciência, sendo elas abundantemente superiores as que podemos observar facilmente.

Assistindo aos programas na tv ou aos shows, a criança inconscientemente pode internalizar os movimentos e os significados que as danças com caráter malicioso trazem consigo, e passam a reproduzir não somente a linguagem corporal, mas também o modo de se vestir e todos os significados que a mesma representa.

Podemos associar esta relação entre a criança e as danças da mídia com o pensamento de Adorno (1985), que faz críticas à reprodução realizada pela indústria cultural, que leva as pessoas à perderem o contato com a originalidade e submetem a massificação criando figuras identitárias. A criança se identifica com o artista e passa a adequar-se à essa figura ficando mais próxima dela, e da figura do “outro”. Exime-se com isso, de construir a sua identidade.

Em sua pesquisa sobre mídia e dança, Lizandra Gomes (2005) aponta para o fato de as crianças e adolescentes dedicarem a TV o mesmo tempo que utilizam freqüentando a escola, sendo que, no Brasil várias iniciativas foram tomadas com intuito de contribuir para uma programação de qualidade direcionada para crianças, tais como os programas educativos realizados pelas TVs Cultura e Futura.

Mesmo com a existência de diversos programas voltados para as crianças, ainda encontramos muitos outros, feitos para adultos, principalmente os de auditório, que são vinculados no horário próprio para o público infantil, com grande quantidade de atrações que apresentam músicas e danças com cunho erótico.

Os meios de comunicação são apontados como um dos fatores que influenciam na formação cultural da criança e a construção da sua imagem. Bordo (1997, p. 24) afirma que, “com o advento do cinema e da televisão, as normas da feminilidade passaram cada vez mais a ser transmitidas culturalmente através do desfile de imagens visuais padronizadas”

Por meio da dança com caráter malicioso a criança pode construir a imagem do que é ser feminino e como o corpo da mulher deve ser, pois para Bordo, não dizem o que é “uma dama” ou “em que consiste a feminilidade. Em vez disso, ficamos sabendo das regras através do discurso do corpo: por meio de imagens que nos dizem que roupas, configurações do corpo, expressão facial, movimentos e comportamentos são exigidos”(idem).

Ao cantar e dançar a criança internaliza os conceitos e pré-conceitos que a coreografia carrega, sutilmente ou não, com ela, pois “[...] os indivíduos aprendem desde muito cedo- eu diria que hoje desde o útero – a ocupar e/reconhecer seus lugares sociais e aprendem isso em diferentes instâncias do social, através de estratégias sutis, refinadas e naturalizadas que são por vezes difíceis de reconhecer” (MEYER, 2003, p.22).

As danças que as crianças assistem nos meios de comunicação contribuem na educação da criança de forma positiva ou negativa, sendo que conforme Meyer (2003) a mídia faz parte de uma pedagogia cultural que ao criar formas de pensar o masculino e feminino, nos educa como sujeitos de gênero.

Com um enfoque erótico/sexual a dança age negativamente na educação da criança, pois ao assistir e reproduzir os movimentos passa a construir uma forma errônea de pensar as questões relacionadas ao gênero.

Um fato importante a considerar é que a mídia nem sempre vai transmitir um conhecimento apropriado para as crianças, que acabam conhecendo muitas danças

“descontextualizadas e desprovidas de seus significados enquanto linguagem artística e educativa”(SARAIVA, 2007, p.113). Estas danças devem ser polemizadas no ambiente escolar buscando compreender o que elas significam para a educação das crianças e jovens.

Conhecendo o repertório de dança que as crianças estão acostumadas a contemplar na mídia, podemos nos aproximar do seu universo e compreender o ensino da mesma, pois “[...] é necessário esclarecer o sentido próprio da dança também a partir de uma análise das relações que as pessoas têm com ela; a relação de cada pessoa com a dança é algo diferenciado conforme sua vivência subjectiva e a realidade social.” (SARAIVA, 2005, p.232). Conhecendo a relação que a criança estabelece com a dança podemos contribuir para sua qualificação.

O fato é que na escola podemos reverter os prejuízos causados por linguagens inadequadas que são utilizadas nas músicas e danças veiculadas na mídia, mostrando às crianças o seu significado e o que elas representam, apresentando outras opções que podem despertar o seu interesse.

A importância do trabalho com dança nas escolas se torna mais evidente na medida em que a mesma possa participar da formação do cidadão atuando “[...] como um “conteúdo” artístico que desempenha as funções de sensibilização estética, de desenvolvimento do espírito crítico e da capacidade expressiva, capazes de impulsionar o sujeito para busca de transformações sociais” (SARAIVA-KUNS , 2003, p.4).

Ao oferecermos dança na escola, comprometida com a formação e educação, a criança terá a possibilidade de vivenciar um repertório de movimentos bem mais amplo e adequado a cada faixa etária. Sendo assim, a criança poderá realizar com mais prazer os movimentos que sejam significantes para ela ou que esteja mais voltado para o mundo infantil.

Segundo Saraiva-Kunz (2003, p.75) “[...]o que serve para a concepção artística não é a própria concepção de uma coisa, mas esta sim, pode possuir um significado emocional para o artista”, sendo para isso importante que a criança seja instigada a despertar a sua imaginação para dançar.

Hoje a dança está inserida no currículo escolar, mesmo que de forma incipiente. Todavia, Tanto na Educação Física como na Arte o/a professor/a que ministrará dança deve estar preparado/a para uma ação pedagógica efetiva que se preocupe com a formação da criança, buscando uma metodologia que compreenda uma dança criativa, original e voltada para o mundo infantil e de fantasia em que a criança se encontra.

A escola deve proporcionar novas experiências em dança, pois Boucht e Feilitzen (2002, p.82) alertam para o fato de que “[...] o papel da mídia pode às vezes ter maior peso, principalmente quando não se tem experiência própria, quando não se recebe outras informações do ambiente, ou quando esse ambiente não propicia a formação de uma opinião própria.”

Pois como todos sabemos a escola é o ambiente em que mais crianças se concentram, devemos então aproveitar as oportunidades para ensinar a dança com qualidade. Como também, o professor/a de dança/educação física tem um papel fundamental na desmistificação dos conceitos que as danças com caráter malicioso carregam consigo ao oferecer uma dança diferenciada.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Este estudo evidencia que, apesar de todas as conquistas realizadas pelas mulheres nas últimas décadas percebe-se um movimento em busca da sua desqualificação sendo que de maneira não tanto sutil as mesmas são colocadas na condição de objeto de consumo. Sendo assim, as crianças crescem com este estereótipo do “papel da mulher” na nossa sociedade. Embora muitas danças não são elaboradas com intuito de denegrir a imagem feminina mas somente com objetivo de atender as necessidades mercadológicas, deve-se ficar atento para que este equívoco não ocorra.

A criança ao assistir e repetir as danças com caráter malicioso constrói formas equivocadas de entendimento sobre a feminilidade. O contato com estas danças pode, além de estimular a sexualidade precocemente, reforçar as relações de poder existentes entre os gêneros. Percebemos que ao aprender outras formas de dança que não estão expostas na mídia, a criança amplia o seu conhecimento e desenvolve o potencial criativo, proporcionando o gosto por uma dança diferenciada das que ela está acostumada a assistir na televisão.

A escola pode contribuir, por meio das aulas de dança, para desconstruir as formas de pensar sobre a mulher, que estão expostas nas músicas e danças com vertente maliciosa e veiculadas na mídia.

Considerando o potencial que a mídia tem sobre a vida das crianças e jovens e a dificuldade que encontramos em limitar certas programações bem como a proliferação de músicas e danças com baixa qualidade, podemos encontrar com frequência as danças com caráter malicioso no repertório das crianças que frequentam a escola. Sendo assim, no ambiente escolar devemos discutir de forma crítica os significados destas danças a fim de minimizar as influências que as mesmas exercem sobre as crianças e jovens.

Também se evidencia a importância que o profissional de educação física tem na construção da feminilidade de seus alunos, pois ao proporcionar o ensino da dança na escola encontra a oportunidade de desenvolver formas diferenciadas de ensinar o conteúdo das oferecidas pela mídia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Teodoro.W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ADORNO, T.W. Educação após Auschwitz. In: _____. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 1995. p. 119 – 138.

BENJAMIN, Walter. A doutrina das semelhanças. In: _____. *Obras escolhidas (vol. I)* São Paulo, Brasiliense, 1985. p. 108-113

BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alisson M; BORDO, Susan R. (org). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos tempos, 1997.

BUCHT, Catharina, FEILITZEN, Cecília Von. *A criança e a Mídia*. Tradução de Patrícia Queiroz Carvalho-Brasília:UNESCO,SEDH/Ministério da Justiça, 2002.

GOMES, Lisandra OGG.*Infância, indústria cultural e escola de educação infantil: imagens concatenadas*. Dissertação. Curso de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

- LEME, Mônica. “Segure o tchan!”: identidade na “axé-music” dos anos 80 e 90. Cadernos do Colóquio, 2001. In: <http://seer.unirio.br/index.php/coloquio/article/view/49/18>.
- LOMARDO, Andrea Francklin. *A influência da mídia televisiva e de sua música no significado da dança: manifestação de valores e comportamentos em crianças*. (Dissertação) Mestrado em Ciências da Motricidade (Área de Pedagogia da Motricidade Humana). Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 2005.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LAURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.
- NASCIMENTO, Clebemilton Gomes. “Piriguetes e putões”: representações de gênero nas letras de pagode baiano. In *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008.
- PEREIRA DE SÁ, Simone. Notas sobre a indústria do entretenimento musical e identidade no Brasil. CMC, Vol 11 n°2, 2004. In: www.revistas.iniverciencia.org/index.php/comunicacao/omidiaconsumo/article/viewarticle/5210.
- SARAIVA-KUNS, Maria do Carmo. *Dança e Gênero na Escola: formas de ser e viver medidas pela Educação Estética*. Tese de Doutorado. Lisboa: FMH, Universidade Técnica de Lisboa, 2003.
- SARAIVA, Maria do Carmo et al. Vivências em dança. Compreendendo as relações entre dança, lazer e formação. FALCÃO, J.L.C; SARAIVA, M, C. (orgs.) *Esporte e lazer na cidade: práticas corporais re-significativas*. v2 (141- 170). Florianópolis: Lagoa Editora, 2007.
- SARAIVA, Maria do Carmo. O sentido da dança: arte, símbolo, experiência vivida e representação. Movimento. *Revista da Escola de Educação Física*. EFRGS, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 219-242, set/dez, 2005.